

Mountain

VOICES

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXI | #124 | mar/abr 2012



Esportiva
ARCOS MG

Escalada em Gelo
Ancoragens

Montanhismo
Serra do Mar SP
Curicuriari AM

www.snake.com.br

LINHA
FECO
NATURE
THANKS



Snake
reach the top

Conheça nossa linha completa de botas e sapatilhas



CORDURA Cargueiras 2012

Menos peso, mais performance



CORDURA
MADE

Confeccionadas em CORDURA® 500D e CORDURA® VELOX 210D que garantem maior resistência à tração.

LF
Lady Fit System

Sistema de alças e barrigueiras anatômicas desenvolvido para perfeito ajuste às formas femininas.

*Obs.: As mochilas Highlander 50+10L, Mountaineer 50+15L, Mountaineer 60+15L, Mountaineer 75+15L possuem barrigueira unissex.

CFS
Comfort Fit System

Sistema de ajuste de costado em escala de medidas, simples e rápido.



Sinta a diferença

Conheça o nosso exclusivo gabarito de medidas em uma loja especializada e faça o test drive!

www.curtlo.com.br

www.youtube.com.br/curtlobrasil

www.facebook.com/curtlobr

[www.twitter.com/curtlobr](https://twitter.com/curtlobr)



Produzido no Brasil

Dia de pagamento

ANDRÉ BEREZOSKI | SP

Todo ser proletariado, que recebe um salário em troca de seus serviços executados durante o mês, sabe que o dia do pagamento é um dia especial, e que de alguma forma, transforma grande fração da população e um ser mais feliz, nem que seja por um dia, mas é o dia em que ele pode ir às compras com a família, pagar as contas e sentir-se valorizado, um dia que seja, mas todo mês ele acontece. Na escalada, "o dia de compras" é aquele tão esperado dia em se pode disfrutar de linhas novas em um setor, ou como recompensa dos visionários conquistadores de vias, boulders e grandes paredes, aqueles que se empenham em gastar do próprio bolso com material, tempo e muuuuuuuuuuuuuu trabalho que está por trás de qualquer empreitada em uma conquista. Falando em "compras", toda a comunidade da escalada nacional tem se privilegiado de uma imensa "colheita" de linhas de todas as modalidades por todo o país, onde novos points são descobertos e os já existentes estão recebendo muitas linhas abertas, e até quem nunca plantou o feijão no algodão na escola, tem a oportunidade nas mãos de criar sua própria plantação de linhas em um novo point. Cidades, lugares e escaladores surgem a cada dia por todos os lados e, com eles, informações repassadas, compartilhadas e levadas adiante para que a tradição da exploração siga em frente, apresentando para uma recém-nascida comunidade um novo esporte e para a já existente, renovação dos ânimos para continuar a frequentar o mesmo point e uma outra opção de alimentar-se física e mentalmente. A explosão de novas linhas tem muito haver com gerações inteiras de escaladores deslocando

suas vidas para perto dos grandes centros de escalada e, com isso, a necessidade de se expandir setores. Isso está acontecendo naturalmente, muito por uma questão de conexão com a rocha local, linhas que antes passavam despercebidas, hoje recebem o toque dos novos "agricultores", e a evolução no nível da escalada nacional também influencia para que novas linhas possam atender essa demanda de consumidores de rocha. Estão sendo semeadas chapeletas por metros de paredes por todo o país, sendo "regadas" com magnésio, e "adubadas" com Sika e Super bonder para que cresçam fortes e resistentes e, assim, uma boa colheita de "cadenas" acontece. Cidades e lugares que já eram referência para a escalada por concentrarem muitas vias, boulders ou paredes, estão apresentando "seções" inteiras para o consumidor final. São Bento do Sapucaí e Serra do Cipó são exemplos desta expansão de mercadorias, o número de vias e boulders se multiplicou consideravelmente, projetos são abertos, linhas encadenadas e a cada mês, os criadores dos guias da região se veem obrigados a aumentar o número de páginas a cada edição. Para os escaladores, se a lista de "sonhos de consumo" já era grande, é bom pensar em qual tamanho de "carrinho de compras" querem utilizar, pois a quantidade e variedade de linhas hoje em dia são grandes e crescentes, e como as "mercadorias" e "pontos de distribuição" aparecem a cada mês, com eles vêm junto os "preços", algumas linhas (produtos) podem ser etiquetadas como "ofertas" e outras com um preço "salgado", e até que as novas linhas

sejam escaladas por um número considerável de pessoas e que sejam confirmadas as propostas de graduação, muita discussão e comparações vão aparecer, mas vale lembrar que como cada um tem seu gosto, cada um compra e escolhe o que levar para casa, independente de marcas e números. Vale ressaltar que para se oferecer bons produtos nas "gôndolas verticais", o uso de materiais de segurança e acabamento é primordial, no caso de vias, a fixação dos pontos de segurança merece uma atenção mais que especial, pois estamos falando de vidas confiadas aos trabalhos de outros, quanto a aparência do "produto", uma linha perfeita e maravilhosa pode perder seu encanto com agarras sikadas ou coladas de forma que fujam do mais discreto e camuflado possível, reforçar uma linha faz parte de um trabalho quase artesanal, mas que merece muito respeito quando nos referimos a estar descaracterizando uma parede de seu estado natural com chapeletas, Sika, marcas de borracha e magnésio, este último item merece mais atenção por conta dos frequentadores de todos os points do Brasil, uma escovinha de dente fajuta custa menos de R\$2,00, mas tem um poder enorme de não só manter a parede com uma aparência menos poluída, mas que pode fazer a diferença entre a cadena e o fracasso por encontrar agarras completamente sujas de magnésio, limpar as agarras é uma tendência mundial que vai além das agarras, as pequenas marcações com pontos e linhas para facilitar a visualização está sendo aos poucos banida das paredes, revelando que a escalada deve ser realizada em sua forma mais completa, memorizada, sólida e natural.



As novas linhas são também resultado de uma terra fértil e promissora e assim como bons vinhedos, lavouras e plantações em geral, que conseguem alcançar boas safras em determinados anos, ambas são resultado de uma combinação única: natureza + sabedoria humana, e o resultado é promissor quando estes dois fatores se encontram e caminham lado a lado durante todo o processo, no final a "colheita" vem em forma de exuberantes e saborosos alimentos. Na escalada, encontrar um point que a natureza lhe ofereça e trabalhar de forma consciente e ordenada, é valorizar o resultado final, com boas linhas, limpas, com um trabalho bem feito, explorando o que lhe foi oferecido, e muitas vez não tão de mão cheia, forçando uma intervenção, mas que no fim todos possam sair com os carrinhos cheios de seus produtos preferidos nos "dias de compras".



Para todo dia, uma grande aventura



Crampon 23

Ref. 0023 - Mochila para caminhadas curtas e uso urbano, com apoio para sistema de hidratação e capa de chuva embutida. A divisão interna serve para organizar o material no interior. Bolso frontal com divisória. Os bolsos laterais servem para levar garrafa de água ou itens menores. As costas são acolchoadas com abertura para facilitar a ventilação. Alças reforçadas, com engate peitoral. Aplique refletivo para segurança à noite. Feita em tecido ripstop.



Crampon 25

Ref. 0025 - Mochila para uso urbano e em ataque a montanhas, com estrutura em placa rígida e acolchoado reforçado nas costas e alças. Acesso principal por zíper, com reforço de engates para evitar abertura accidental. Vem com suporte para hidratação, capa de chuva embutida e fita peitoral. Possui acesso também pelo fundo, facilitando o acesso. Seu amplo bolso frontal possui organizadores. Vários pontos em alça servem para prender mosquetões e itens longos. Aplique refletivo para segurança à noite. Feita em lona de náilon e tecido ripstop.



Crampon 27

Ref. 0027 - Modelo para uso em caminhadas curtas ou uso urbano, vem com abertura superior por zíper, dando acesso ao amplo espaço interior, onde tem divisão para suporte a sistema de hidratação, que também pode ser usada como organizador. Vem com capa de chuva embutida, alças e apoio das costas acolchoados e peitoral, os apoios são separados para ajudar a ventilação e as costas possuem armação em placa rígida. Aplique refletivo para segurança à noite. Feita em tecido ripstop.



Vestuário



Mochilas



Sacos de dormir



Acessórios

www.trilhaserumos.com.br

R. Fernando Luz Filho, 112 - Meudon - Teresópolis- RJ - (21) 2742-9652 Fax (21) 2742-5781 - CEP 25954-195 - sac@trilhaserumos.com.br

DESCUBRA O QUE ESTÁ POR TRÁS DO NOVO X-SENSOR™

Conheça a nova linha X-Sensor™. Com modelagem adequada e construção inteligente, uma solução ideal que se adapta aos seus movimentos e mantém a vitalidade que o seu corpo precisa. Experimente, comprove e se surpreenda.

SOLO

www.x-sensor.com.br

X-Sensor™
HIGH TECHNOLOGY FOR BEST PERFORMANCE

PREPARE-SE PARA CURTIR A NATUREZA

mochilas • alforjes • mochilas de hidratação • purificador de água • bolsas estanques para máquinas e celulares • bandana multiuso • mosquetões • ferragens para escalada • cadeirinhas • cordas e cordeletes • fitas • kit slackline • capacetes • fogareiro • alimentação liofilizada • repositor hidroeletrolítico em pastilhas • calçados • calças • casacos • meias especiais para caminhada • canivetes • lanternas • cantil • sacos de dormir • barracas



Av. Treze de Maio 47, sl. 102, Centro, Rio de Janeiro - RJ
www.adventura.com.br | loja@adventura.com.br | (21) 25242208

Internacional



ALESSANDRA ARRIADA | RS

Katie Brown começou a escalar aos treze anos em Lexington, Kentucky e, junto com seus irmãos e encorajada pelos instrutores e família tornou-se uma das melhores escaladoras do mundo. Tendo Lyn Hill, Chris Sharma e Dave Graham como parceiros e admiradores, evoluiu rapidamente nas competições, ganhando primeiro o Campeonato Mundial Júnior para logo em seguida ganhar três vezes o XGames e infindáveis outros campeonatos aos redor do mundo. Sempre obteve elogios e reconhecimento por seu estilo leve e tranquilo e sua capacidade de mandar a maioria de suas vias à vista, como a Omaha Beach em Red River Gorge, um 5.13 exigente de Kentucky e a Hydrophobia, um 5.14a em Siurana, Espanha.

Aos 20 anos, depois de sete anos ininterruptos de competições, treinos, filmes e viagens de escalada, Katie resolveu respirar por um tempo, ficando longe de sua paixão que era a escalada por dois anos.

Hoje, com 30 anos, Katie se tornou uma pacata moradora de Boulder, Colorado, que causa estranheza aos vizinhos somente quando, junto com seu cão Cody, dirige seu Ford prata com praticamente sua casa nas costas, até seu próximo destino de escalada, que pode ser Indian Creek em Utah ou Potrero Chico, no México, e viverá assim por alguns dias, escalando, praticando yoga e escrevendo.

Deste seu amadurecimento e experiência na escalada e por todo seu caminho, Katie surgiu como autora escrevendo um maravilhoso livro intitulado *Girl on the Rocks, a woman guide to climbing with strenght, grace and courage* da Editora Falcon Guides. Neste livro, esta surpreendente menina mulher traz, além de uma guia

técnico básico para mulheres escaladoras, dicas de como lidar com facilidades e dificuldades inerentes ao corpo, fisiologia e educação feminina. Mostra desde a diferença quanto ao centro de gravidade da mulher, por exemplo, quanto as dificuldades de lidar com o namorado escalador ou ainda de como socialmente é muito mais aceitável uma mulher ser frágil, medrosa e acomodada, tudo isso em uma linguagem divertida e informal, como se estivesse na base das vias conversando com as amigas menos experientes.

Mas diferente de todos os outros livros de escalada, talvez por este ser um livro para as mulheres, há um capítulo inteiramente dedicado ao medo. Medo de começar, medo de cair, de altura, de corda sem retesar, de guiar, de estar sozinha e de fazer algo errado. Medo que paralisa e gela e que impede de se fazer uma coisa de que se gosta muito: escalar.

O medo é parte do ser humano como defesa, todos nós temos medo em maior e menor grau, experientes e inexperientes. Mas o que não pode acontecer é o não enfrentamento e a não tentativa de superação desses medos. Muitas de nós temos diversos medos em nossa vida: falar em público, comer em um restaurante sozinha, viajar por conta e risco e sem companhia (o que vão pensar de mim?) e ainda medo de não ser aceita, de não estar agradando, de não dar certo. E ao longo de todas essas situações de trabalho e no dia a dia tentamos melhorar, evoluir. Com a escalada não é diferente.

Toda mulher que começa a escalar, seja por motivação do namorado ou amigos(as), ou a que começou por curiosidade ou destino, e se vê inteiramente envolvida pelo estilo de vida e exercício, quer crescer, melhorar, conseguir. Da sua forma, do seu jeito, no seu tempo, mas quer evoluir. Não estamos falando só de evoluir em graduação, mas sim evoluir dentro de seus medos, suas limitações, e com isso se dar conta que seu limite era maior, sua força era maior, e que ela podia sim fazer tudo que queria na vida, inclusive escalar. Com os homens não é diferente, não significa que eles não tenham medo, pelo contrário. Mas os homens, como dito anteriormente, sempre foram "treinados" para enfrentarem seus medos. Não lhes era permitido não caçar por medo da presa ou não lutar com o inimigo. Era matar ou morrer. Para as mulheres é perfeitamente normal e frequente deixar ao companheiro a tarefa de guiar, reclamar quando dói ou está difícil e ainda pensar, por hoje está bom, amanhã eu tento mais esse lance.

E como mudar isso? Quando não lidamos com nossas limitações, seja na vida ou na escalada, e isso serve para homens e mulheres, geralmente somos tomados por frustrações. A incapacidade de se esforçar e tentar melhorar nos faz permanecer sempre na zona de conforto não nos trazendo maiores experiências e amadurecimentos, na maioria das vezes não evoluímos, sem saber como agir

em situações extremas, sem saber do que somos capazes. E não admitir que temos limitações ou ainda, pensar que o medo é uma falha ou uma humilhação, dificulta enormemente a superação desse obstáculo. Não ter vergonha e iniciar atitudes e técnicas de confronto com esse sentimento são os primeiros passos para aprender a lidar com diversas situações. As primeiras dicas dizem respeito a conhecer seu próprio corpo e mente e subir um degrau de cada vez. Aprender a respirar nas dificuldades, concentrar no objetivo, comemorar cada vitória e valorizar seus pontos fortes. Não ter medo do medo e ir em frente. Confiar no seu parceiro, na corda e em si mesma. Saber que se pode sim, é só tentar, muitas vezes, e a recompensa de ter se superado é indescritível e motivadora. Faça um acordo com si mesma: hoje vou conseguir isto, e aproveite o dia em que estiver mais confiante para alcançar seu objetivo. Nos outros dias, tudo bem, aproveite com os amigos, ria, movimente-se, escale. Sem culpa.

Praticar cair. Muito. E não olhar pra baixo. A menos que você precise verificar seu posicionamento, focar no que vem pela frente. E não tenha medo de dar um passo atrás, seja na via, seja no seu caminho. Volte para o top hope alguns dias, sem problemas. Treinar também é importante.

Melhore sua alimentação, respire, cuide do seu corpo e mente todos os dias e treine, principalmente seus pontos fracos. Escalada é um esporte exigente e você só vai se sentir confiante se estiver com um bom condicionamento físico para enfrentar os piores lances.

Racionalize. Pense o porquê do medo, converse com você mesma, diga que está tudo bem e siga adiante. Visualize o que realmente está acontecendo e mantenha calma. Muitos de nossos medos não são reais, não se está em perigo, mas se sente medo da altura ou de cair por exemplo. Gritar nessas horas também pode ajudar e utilizar o que a autora chama de *chick power*, que é aquela situação em que conseguimos nos imaginar maiores do que somos, mais poderosos e capazes de impressionar, use esta necessidade de auto afirmação a seu favor e eleve sua auto estima observando as pessoas impressionarem-se com seu potencial e evolução.

Saia da sua zona de conforto, não se limite, não se acomode. Mas principalmente, não seja dura com você mesma. Aceite que cada pessoa é uma só, com qualidades impressionantes e outras nem tanto, com muito para aprender e amadurecer. E estar fazendo o que acredita e ama, por si só, já é uma excelente conquista, que faz com que tudo esteja certo e prazeroso no seu mundo. Escalando sempre. E muito.

Boas escaladas.

Katie Brown



HI-TEC
INSPIRED BY LIFE

DESCUBRA O MUNDO, ENCARE NOVOS TERRENOS !

TANTO NA CIDADE, QUANTO NAS TRILHAS, O TOTAL TERRAIN OFERECE VERSATILIDADE PARA SEU ESTILO CASUAL E TECNOLOGIA PARA ENCARAR OS DESAFIOS.



- Couro camurçado impermeável
- Telas em Mesh
- Proteção frontal
- Palmilha EVA removível
- Entressola moldada em EVA
- Solado de borracha com fibra de carbono de alta aderência



QR CODE
Smartphone



WWW.HI-TEC.COM

RESSOLE SUA SAPATILHA NA



- 15 anos de experiência no mercado
- Grade de formas novas, desenvolvidas especialmente para sapatilhas
- O menor prazo de entrega do mercado
- Ressolamos com XS Grip Vibram
- Pronta para sua cadeia

ACEITAMOS SERVIÇOS DO BRASIL E EXTERIOR
Mais informações
www.bele.com.br ou
ligue para 11 82446672

Reel Rock 2011

O Reel Rock Tour é um evento quase que exclusivamente de filmes de escalada, e idealizado pelas duas maiores produtoras do gênero nos EUA: Sender Films e BigUp Productions.

LUCIANO FERNANDES | SP

Nas primeiras edições do evento, eram exibições em poucas cidades dos EUA. Estas exibições em sua maioria realizadas em cinemas de cunho mais artístico, ou seja, os "Stadium Theaters" (os grandes hiper cinemas de shopping centers da atualidade) foram preteridos.

A idéia desta abordagem era ter um clima mais de filmes culturais e ambientes mais despojados para combinar com o estilo dos escaladores. Hoje após seis anos o evento cresceu e hoje há exibições em centenas de locais nos EUA e exterior.

Para ter uma idéia do crescimento do evento somente neste ano de 2011 o evento passou por Irlanda, Colômbia, Nova Zelândia, Chile, Inglaterra, África do Sul, Austrália, Suíça, Finlândia Argentina, Bélgica, Venezuela, Dinamarca, Hungria, Holanda, Lituânia, Israel, Tailândia, Coreia do Sul e Polônia. Muitas salas de exibição nos Estados Unidos tiveram sessões esgotadas.

Todo este sucesso foi devido à qualidade dos vídeos exibidos, e também ser uma forma de reunir a comunidade escaladora para uma confraternização. Além dos filmes produzidos nos EUA há ainda a presença de quem participou de alguma maneira em alguns dos filmes, além de personalidades do esporte outdoor, sorteio de brindes pelos patrocinadores e algumas palestras.

Infelizmente ainda não há exibições do evento no Brasil, porém uma produtora de filmes e festivais de cinema está em negociação com os produtores. Sobre esta negociação sabe-se que os direitos foram comprados pelos organizadores do evento no Chile, porém não conseguiram tirar a idéia ainda do papel. A idéia até mesmo usada de reproduzir o filme após a distribuição do DVD ainda está em pauta. Especula-se que em final de março e início de abril, em salas tanto da cidade de São Paulo como da cidade do Rio de Janeiro terá exibições legendadas dos filmes.

A edição do Reel Rock deste ano de 2011 teve uma característica que as anteriores não tiveram: a ausência de um grande lançamento como carro chefe. Nos anteriores houveram filmes aguardados com ansiedade pela comunidade escaladora como "First Ascent", "Sharp End", "Dosage 4", "Progression" e "First Ascent – the series". Entretanto na edição de 2011 o que aconteceu foi uma maior quantidade de produções realizadas tanto pelos produtores do evento como outros produtores "emergentes" convidados ao evento. Pela internet o DVD foi liberado para a venda em novembro, e nesta última sexta-feira dia 2 de dezembro foi liberado para download também. O preço para a compra é de US\$ 24,95 (US\$ 29,90 o DVD), e pode ser efetuado com cartão de crédito internacional.

O filme, assim como os extras, é disponibilizado todo em alta resolução (HD – 720p) e em formato de reprodução em .MOV (formato Apple Quicktime). Cada arquivo contém pouco mais de 1,5Gb e podem ser baixados imediatamente após a compra. Com uma internet de velocidade rápida (acima de 10 mbs) a demora é de 2 horas para finalizar o download. O DVD inicia mantendo a tradição de exibição de uma versão entendida do trailer inicial divulgado pela internet. Porém na edição deste ano ao anunciar os produ-

res dos vídeos há o anúncio inédito que de além dos tradicionais (Sender Films e BigUp Productions) há outros produtores. Uma novidade que tende a ser cada vez mais frequente nos eventos futuros.

Ice Revolution

O filme "Ice Revolution" foca em uma escalada nas proximidades de uma cachoeira no Canadá, Helmcken Falls – no estado de *British Columbia*. A cachoeira possui mais de 150 metros de altura e próximo a ela há uma parede extremamente negativa que fica coberta de gelo oriundo das gotículas. Este tipo de inclinação em escalada em gelo (45°) é muito difícil de encontrar na modalidade. Por conta disso os escaladores Tim Emmet (aquele mesmo que apresentou o Psicobloc em vídeos da série Dosage) e Will Gadd, um peso pesado da escalada em gelo e um dos maiores nomes da história do esporte.

O filme traz uma introdução à escalada em gelo, e em como são os campeonatos realizados. Mostram de maneira rápida as diferenças e dificuldades desta modalidade. Com um bom roteiro apresenta o desafio dos escaladores de maneira eficiente e sem muitas firulas. A partir daí o foco do filme fica totalmente por conta da dupla de escaladores. Em uma das cenas mais impressionantes do local do desafio há uma verdadeira chuva de estalactites de gelo, que poderia machucar o mais desavisado que aparecesse embaixo da via de escalada. Filmar em locais que há neve exige muita habilidade de quem maneja e câmera devido ao excesso de branco captado. Por esta característica louva-se a qualidade de imagens que foram captadas, sem aquele branco que cega e atrapalha na visualização de detalhes em filmes. Com movimentos bem plásticos, e tudo isso em um frio de -14°C, o filme é muito interessante de se assistir, especialmente porque não foca os escaladores como heróis (como eram feitos em algumas produções passadas) e sim como pessoas em busca de uma escalada diferente. O importante do filme também foi não terem inflado demasiadamente o ego de ninguém, e sim permitir que cada personagem pudesse falar de si, de seu companheiro e de sua vida.

O filme é quase que obrigatório para toda e qualquer pessoa que deseja se dedicar a escalar em gelo, devido a grande quantidade de termos técnicos, movimentos característicos da modalidade e ambiente de prática. O filme é diversão garantida, e entretém quem assiste, sendo ele escalador ou não, pois consegue colocar na medida certa elementos que agradam qualquer tipo de platéia.

Cold

O filme "Cold" exibido no DVD da "Reel Rock" na verdade é uma edição do filme especialmente feita para ser exibida no festival. "Cold" vem arrebatando vários prêmios em festivais de filmes de montanha por onde é exibido (e provavelmente deve ser exibido no Brasil em 2012 nos festivais existentes) e é uma produção do fotógrafo Corey Rich. O filme é fruto de uma expedição à uma alta montanha de mais de 8000 metros no Paquistão (Gasherbrum III). Para aumentar ainda



Jason e Matt nas montanhas geladas do Paquistão, a 8000m.

mais o desafio a expedição tinha como missão fazer cume no inverno, sob frio que chegaram até -40°C. Por este motivo pode-se imaginar o motivo do título do filme (Cold = Frio).

Apenas de ter uma simples câmera, o olhar de fotógrafo profissional de Corey fez a diferença na captação de imagens. O filme tem uma narração do próprio fotógrafo com um texto muito mais profundo e questionador do que entusiasmado. Esta matemática incomum em filmes outdoor resultou em um filme profundo e que faz questionamentos que todos nós fazemos ao enfrentar um desafio que aparentemente é maior que nós mesmos. Para aumentar ainda mais a dramaticidade do que vai sendo relatado a cada imagem, sempre que possível há a afirmação em diálogos dos integrantes da expedição "e está frio...".

As imagens mostradas no filme não somente focam as paisagens brancas e tempestades de neve, típico deste tipo de filme, há também closes dos corpos de escaladores que morreram na tentativa de chegar ao cume. Todas as imagens mostradas são feitas juntas com a narração em tom de dramático com o objetivo de fazer refletir sobre que tipo de aventura se escolhe ao escalar.

Perto do final na descida do cume há um incidente que surpreende a todos. A cena seguinte é muito angustiante. O filme, mesmo nesta edição especial, está com uma edição primorosa e passa a sensação de faz parte da expedição. "Cold", nesta edição especial para o Reel Rock já impressiona, fazendo com que haja uma obrigatoriedade de ver o filme completo a todo e qualquer pessoa que deseja fazer uma alta montanha. Além de ter abocanhado o prêmio máximo no Banff Mountain Festival deste ano de 2011 no Canadá é desde já um verdadeiro clássico em filmes outdoor de expedições.

Dawn Wall

Os escaladores Kevin Jorgeson e Tommy Caldwell são escaladores consagrados pelos seus feitos e suas capacidades dentro da escalada. O filme retrata o sonho da dupla em realizar uma via considerada a mais difícil de Yosemite.

Esta mesma via nunca foi escalada em livre e sim somente em escalada artificial. A via que possui mais de 915 metros de altura de pura rocha e tem cordadas de 10a, 10b, 11a até a mais difícil 11c. Todas estas cordadas foram filmadas com boa qualidade de ângulos e closes. Para transpor o desafio, chegam a escalar mais no período da noite, por causa do Sol impiedoso durante o dia. Portanto ficam até as 01h30min da manhã escalando com headlamps.

As filmagens procuraram ao máximo fazer com o espectador fizesse parte da aventura, e por isso mostraram os escaladores em situações inusitadas como urinando ou usando o *shit-tube* (Tubo de PVC onde escaladores de Yosemite tem de defecar durante a escalada). Obviamente não são imagens bonitas de se ver em um filme, mas mostram que a escalada em locais como Yosemite não possui conforto.

O filme tem um desenrolar bem tranquilo, e faz uso de imagens externas sem exagerar. Usando inclusive timelapse dos escaladores na medida certa, assim como a duração de cenas em que estão malhando movimentos em partes difíceis. Também se preocupa em mostrar que este tipo de escalada não é fator atrativo o conforto enfrentado, e sim o desejo de superação do desafio. O roteiro do filme seguiu uma linearidade particular e característica de Josh Lowell (produtor do Filme). Ficou evidente que o produtor da extinta série "Dosage" amadureceu bastante neste tempo afastado de grandes produções. O que cria novas expectativas em seus projetos futuros.

Obe e Ashima

O filme "Obe e Ashima" é o melhor do conjunto contido no pacote Reel Rock 2011. Com o aparentemente motivo de retratar a escaladora mirim Ashima de 9 anos de idade, e tida como uma grande revelação da escalada, mostra o lado de Obe Carrion. Este escalador já foi dos mais badalados nos EUA, junto com Chris Sharma, e que acabou tirando um caminho um tanto diferente. Durante o período que parou de escalar, voltou a morar com a mãe e se aprofundou

em depressão e alcoolismo. De maneira bem realista descreve como é que pode ser a vida de uma pessoa que abraça o esporte sem ter um plano seguro para o futuro. O emocionante relato de Obe sobre como a escalada o recuperou do buraco emocional o qual estava metido vale por todo o DVD.

Após voltar a trabalhar em uma academia de escalada em NY, Obe começa a treinar crianças para a escalada. Lá ele conhece Ashima, uma japonesinha de nove anos que tem um talento nato para a escalada. O desenrolar do restante do filme é focando nas realizações de Ashima em campeonatos mirins. Para o encerramento do filme, todos vão para Hueco Tanks, zona de boulder mais importante dos EUA. Lá encontram alguns escaladores, já famosos, que ficam boquiabertos com as façanhas da menina. Suas cadenas de V10, V11 e até mesmo um V12 impressiona qualquer um.

O lado humano da menina também é retratado com elegância e eficiência, em que ela chora quando erra um movimento próximo da cadeia. O filme evidencia o grande amadurecimento de Josh Lowell, e que faz algo nunca antes mostrado em filmes outdoor: para onde vão os escaladores quando velhos. Um ponto que até o momento foi pouco explorado e que foi feito com maestria pelo produtor. O filme por ter abordado uma linha mais realista e documentária é altamente indicado para toda e qualquer pessoa.



Ashima, 9 anos.

Race for the Nose

Dentro do esporte de escalada de tempos em tempos há algum tipo de marca a ser batida, que em nada acrescenta ao esporte, e mesmo assim gera frisson com a comunidade. A discussão sobre quem foi o quem vai ser a pessoa que escalar mais rápido uma via em Yosemite é o ponto central do filme "Race for the nose".

À luz da razão a discussão sobre a utilidade de se escalar mais rápido a rocha The Nose em Yosemite é tão produtiva quanto discutir-se o sexo dos anjos. A marca é tão importante quando ao do homem com maior número de tatuagens no corpo. Igualmente não irá mudar a história das tatuagens no mundo, mas é interessante de saber.

O filme trata de maneira bem americana o fato de que há várias duplas de escaladores tentando ostentar o título de escaladores que finalizaram mais rápido a conquista. Uma disputa que foge à razão devido à repercussão e frisson que causa os resultados.

Com roteiro bem conduzido, os produtores conseguem colocar cores interessantes na disputa tão superficial, e torná-la cômica em vários aspectos. Iniciando com um histórico da escalada do "The Nose", até os dias de recordes impressionantes a galeria de vídeos e fotos, com seus personagens preme quem deseja ver um filme divertido, sem a pretensão de marcar época. Neste aspecto o filme funciona bem, e prende o telespectador.

Alguns vídeos são antológicos, como os pioneiros de escalada em Yosemite e os escaladores com cabelos do George Michael e calças de lycra rosa e polainas no estilo Flashdance.

Ao final após a conclusão da escalada que desafiava a marca a ser batida ilustra bem como reagem as pessoas quando tem uma marca batida. O do desejo de recuperação do lugar ao pódio. Apesar de TODAS as pessoas que tentaram bater o recorde dizer que a eles não importavam tal marca, estavam lá determinados a romper a barreira nem que fosse por um segundo.

O filme é divertido, e entretém. Mas só isso, está longe de ser um clássico, ou até mesmo obrigatório em termos de história e roteiro. O que merece a atenção de quem deseja assisti-lo são todas as técnicas usadas para filmar uma escalada de quase 1000 metros de rocha em menos de 2 horas, e a dramaticidade captada pelos produtores.

Sketchy Andy

O filme Sketchy Andy retrata a figura singular do americano Andy Lewis, que é considerado o primeiro slackliner profissional dos EUA. Em poucas palavras Andy é daquelas pessoas malucas de pedra, que é gente boa e carismática que acaba por também motivar quem está à sua volta a seguir suas loucuras.

O filme com roteiro bem escrito mostra como surgiu a prática esportiva do slackline e sua popularização, introduzindo o protagonista. Ao focar mais no protagonista suas manobras, a 1 metro do chão, são impressionantes, e pouco repetidas em praticantes comuns.

A partir de declarações de amigos e pessoas que o cercam houve a idéia de mostrá-lo fazendo highline, e executando saltos do slackline de esfriar a barriga de quem assiste, pois as probabilidades de acidente fatal são bem grandes. Porém Andy parece não se importar, pois como mostrado no filme seu histórico de atos imprudentes nos esportes que praticou é constante.

O filme, porém, parece se perder a partir do meio, pois apenas se preocupa em focar nas atitudes insanas de Andy, tanto no slackline quanto em atos corriqueiros do cotidiano. Para exemplificar mesmo uma "simples" travessia em um cânion, faz questão de ele e outros companheiros fazer pelado.

Ao final do filme realizam um rope-swing de 200 metros com cada pessoa da equipe de filmagem para que mostrasse os créditos. Um final muito criativo, para um filme.

Em linhas gerais e observando seu curriculum que recheado de boas produções este está longe de ser o melhor trabalho de Peter Mortimer. O filme possui uma superficialidade muito grande, e não chega a empolgar a partir de sua metade. Como grandes produtores de filmes possuem crédito a cada escorregada, este pode ser considerado a primeira de Mortimer.

Os Extras

Algo que ainda precisa ser trabalhado em filmes outdoor é os extras contidos nos DVD's vendidos. No caso do "Reel Rock", há vários minutos apenas com anúncios (muito bem produzidos, é verdade) dos patrocinadores. Há nos DVD's ainda os ganhadores do concurso de vídeos de internautas votado por público e crítica os quais contém muito bom humor.

Finalizando os extras há trechos de cada filme que acabaram cortados no momento de ir ao ar, e alguns (mas não muitos) bloopers.

www.halfdome.com.br

Al. dos Nhambiquaras, 946
São Paulo - Moema
Tel.: 11 5052-8082

CAMPEONATO BRASILEIRO DE BOULDER 2012

18 e 19 de Agosto
Belo Horizonte - MG

07 a 10 de Junho
São Bento do Sapucaí - SP

28 e 29 Abril
Rio de Janeiro - RJ
1ª Semana de Montanhismo Brasileiro

ADRENA Esporte e Aventura 10 anos

O aniversário é nosso mas quem ganha o presente e você.

Premiação: Passagem para o Mundial em Paris

Mais informações no Facebook da Adrena Esporte e Aventura

Proteções e ancoragens no gelo

DAVI MARSK | SP

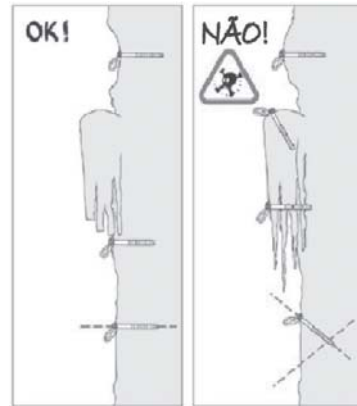
Cada vez mais temos escaladores brasileiros indo explorar o mundo gelado das cascatas de gelo, do ambiente alpino e das grandes altitudes. Enquanto grande parte das rotas normais nas grandes montanhas, com mais de 4000m ou 5000m, apresentam rotas normais no qual basta dominar o básico do trânsito em glacial e um pouco de ancoragem em neve, outras rotas apresentam trechos com gelo.

Mesmo uma rota normal que usualmente possui apenas rampas nevadas, pode acontecer de em uma determinada temporada, apresentar essa mesma rampa com gelo (caso do popular "Pequeno Alpamayo", na Bolívia, que em alguns anos apresenta sua crista apenas com neve dura, e em outros anos apresenta trechos com gelo duro, ou até mesmo o Illimani, também na Bolívia, que usualmente apresenta uma rampa de gelo com seus 30m e 45 a 60 graus de inclinação).

Existem vários "tipos" de gelo... gelo duro, gelo com bolhas de ar aprisionadas, gelo em "camadas" (que ocorre quando camadas de gelo são formadas em diferentes períodos de tempo), gelo em formato de tubo (ou flauta) – os famosos "ice flutes"... A colocação de parafusos de gelo é um assunto muito empírico, grande parte baseado na experiência prévia do escalador, que fica atento à forma como o gelo trinca à medida que o parafuso entra no gelo e ao som que o parafuso faz ao entrar. São fatores que somente são possíveis de serem absorvidos convivendo-se com pessoas mais experientes.

Existem diversos tamanhos de parafusos de gelo, que vão desde 9cm a até 25cm. São feitos em ligas de aço, alumínio ou até mesmo de titânio (ouve uma invasão de parafusos de titânio, oriundos da antiga URSS, quando esta se desfez...). Trata-se de uma peça delicada e frágil em suas pontas, dessa forma, protegê-los de impactos que possam danificar as pontas ou atrapalhar o fio da rosca do parafuso é fundamental (na eventualidade de ser necessário afiar um parafuso de gelo, pesquise na internet por tutoriais sobre como fazer isso - É um processo delicado e cansativo).

Para facilitar a inserção e a retirada dos parafusos de gelo, vários modelos possuem uma aba com uma pequena saliência móvel que funciona como um volante.



← Na esquerda formas corretas de colocar um parafuso de gelo, e a direita, as formas incorretas. (Ilustração da Petzl).
→ Remova o gelo ruim e a neve antes de colocar um parafuso de gelo.



→ Avalie bem a integridade do gelo onde será colocado o parafuso, mantenha uma distância superior a 50 cm entre os parafusos e se possível, faça uma equalização bloqueada.



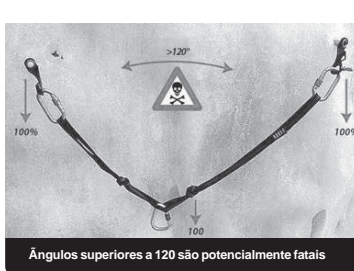
Parafusos de Gelo "Turbo Express" da Black Diamonds



Ancoragens equalizadas utilizando parafusos de gelo, a de cima é livre e a de baixo é bloqueada. Note o ângulo pequeno formado pelas fitas onde encontra-se o mosquetão por onde passa a corda. Fotos: Davi Marski.



Para montar-se uma parada equalizada em gelo, é preferível montar-se os parafusos praticamente verticais, um sobre o outro, garantido desta forma um ângulo o mais estreito possível. Dica: Note o uso de nós simples para evitar um aumento na força exercida sobre a proteção, caso uma das ancoragens venha a falhar (ancoragem bloqueada).

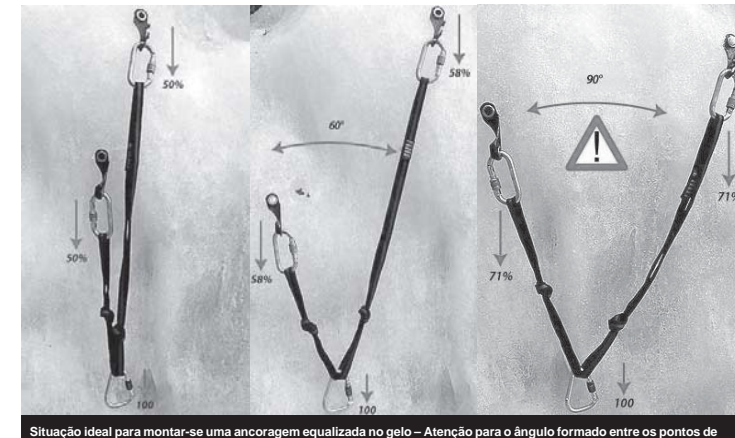
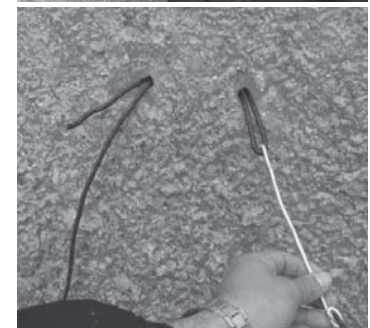


Ângulos superiores a 120 são potencialmente fatais

Técnica do Abalakov (V-Thread)
Essa certamente é uma das técnicas mais úteis para montar uma ancoragem ou mesmo para possibilitar um rapel em paredes com gelo. Desenvolvida pelo russo Abalakov, apenas tornou-se popular no ocidente após a abertura soviética, nos anos 1990. É uma técnica simples e eficaz, e com pouco treino e prática pode ser realizado rapidamente. Localize um ponto de gelo compacto, limpe a área ao redor, removendo o gelo ruim, a neve depositada, etc... Em seguida, com um parafuso de gelo (prefira os

parafusos compridos, de 17, 20 ou até mesmo de 25 cm), faça dois furos com um ângulo entre 60 a 90 graus entre os parafusos, de forma que ambos os furos se encontrem no fundo. Passe a corda ou cordelete, de no mínimo 7mm, por dentro dos furos. Para ajudar a puxar, utilize um "saca abalakov", que inclusive pode ser feito de forma artesanal. E finalize amarrando as pontas com um nó de pescador duplo! (na foto acima o nó correu para dentro do gelo).

Preparando o Abalakov. Fotos: Davi Marski



Situação ideal para montar-se uma ancoragem equalizada no gelo – Atenção para o ângulo formado entre os pontos de ancoragem (última foto - (fotos do PlanetMountain.com)

E finalize amarrando as pontas com um nó de pescador duplo! (na foto acima o nó correu para dentro do gelo).

Dicas:
Quando se utiliza cordeletes com diâmetro pequeno para ancoragens Abalakovs, nunca devem ser amarradas as pontas com um nó simples ou nó direito. O padrão de nó para conectar cabos ou cordeletes neste tipo de situação, com cordeletes finos, deve ser o nó de pescador duplo.

Se utilizar uma fita tubular o nó deve ser o nó de fita. Lembre-se de deixar uma boa sobra de fita após o nó. Atualmente não se utiliza mais fitas para montar abalakovs. Ao utilizar cordeletes, use no mínimo de 7mm. Deixe uma sobra de cordelete após os nós e aperte-os bem.

SEMPRE faça um backup da ancoragem Abalakov com um ou dois parafusos no gelo, enquanto o primeiro escalador estiver descendo. O backup deve ser feito também para a corda, para o caso do nó deslizar. A última pessoa a descer poderá remover o parafuso de backup sabendo que a ancoragem foi previamente testada. Se o Abalakov montado não inspirar confiança, monte outras ancoragens Abalakov e as equalize (preferencialmente de forma bloqueada).

Ao adicionar uma ancoragem para ser

combinada com uma já existente, fazer igualando as duas de modo que ambas possam ser utilizadas. Se houver uma ancoragem mais curta, a outra se tornará quase inútil. Quando a distância entre os furos é de 10cm, em gelo bom e duro, a resistência de um Abalakov entre 6 a 7KN, já com 15cm, a resistência oscila entre 10 e 11KN e para 20cm, entre 11 a 12KN. Esses não são valores absolutos, podem variar de acordo com a qualidade e integridade do gelo.

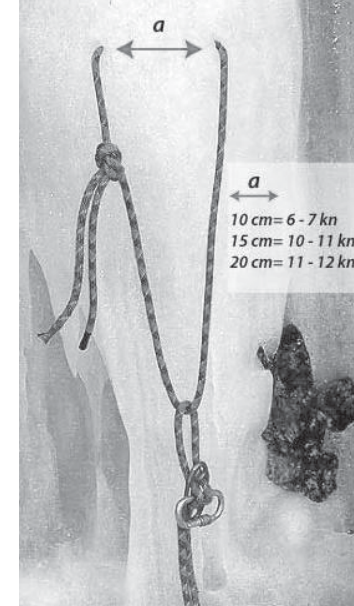
Para saber mais, recomendamos o estudo dos livros (os dois primeiros compõem a "Bíblia" da escalada em gelo):

Ice World: Techniques and Experiences of Modern Ice Climbing, escrito pelo Jeff Lowe
Climbing Ice, do Yvon Chouinard
Ice & Mixed Climbing: Modern Technique, do Will Gadd
How to Climb: How to Ice Climb!, do Graig Luebben

Parada com parafusos de gelo, nessa ilustração estão sendo utilizados três parafusos de gelo, com fitas sem bloqueio (auto-equalizável). Note a segurança sendo dada para o segundo escalador a partir do ATC-Guide no modo de "auto-bloqueagem" (Foto de Alê Silva/Casa de Pedra)



Fotos do PlanetMountain.com



Além de uma loja de equipamentos outdoor você acaba de ganhar um centro de informações

Na Bivak você encontra:

- Assistência na escolha dos equipamentos
- Atendimento personalizado
- As melhores marcas e muito mais!

Marmot CLIMB BONIER EQUIPAMENTOS PETZL Black Diamond EURT.LA deuter

e-commerce: www.bivak.com.br

11 2308 6995 - Rua Caramuru, 523
Praça da Árvore - São Paulo
a 2 quarteirões do Praça da Árvore

BIVAK
OUTFITTER

ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL

gringa
climbing

WWW.GRINGAGARRAS.COM.BR

COMPRE DIRETO PELO NOSSO SITE!

agarras
training systems

Finger board TENDON Lançamento!

TEL: (11) 7122.1271

Arcos novas escaladas no calcário mineiro

Texto: Eustáquio "Peixe" Júnior



A região que agrega as cidades de Arcos, Pains e Corumbá, é explorada por escaladores locais e conta com aproximadamente 400 km de calcário, 780 grutas e cavernas. O que dá a Pains o título de capital mundial do calcário.

Não é todo dia que abrimos nossa caixa de e-mail e temos a honra de encontrarmos uma mensagem do Mountain Voices, com a solicitação de escrever sobre um pico de escalada o qual tenho dedicado mais de dez anos de investimentos. Pois é, isso aconteceu. Nessa segunda-feira, o MV me solicitou que escre-

vesse algo sobre a escalada em Arcos, aceitei o desafio e em poucas palavras tentarei apresentar a região que tem o título de Capital Mundial do Calcário. Há 10 anos, a região que agrega as cidades de Arcos, Pains e Corumbá, é explorada por escaladores locais e conta com aproximadamente 400 km de calcário, 780

grutas e cavernas. O que dá a Pains o título de capital mundial do calcário. A cidade de Arcos está localizada no centro-oeste do estado de Minas Gerais, em uma região privilegiada, pois também está situada numa das áreas com a maior reserva de calcário do mundo. As reservas estão situadas a poucos quilômetros da cidade. Turistas e moradores podem ter acesso a várias grutas e paredões de até 40m, bem como podem apreciar a paisagem que o local oferece. Com acesso fácil, riacho para banho, salões e paredões com formatos exuberantes, o Rastro de São Pedro, comunidade rural pertencente ao município de Arcos, foi escolhido como área de escalada principal de conquista. O Rastro de São Pedro fica a menos de 7 km de Arcos e 220km de Belo Horizonte. Segundo moradores da região, a comu-

nidade recebeu esse nome devido há um sinal de pegada em uma pedra próximo à nascente. Tal pegada seria o rastro de São Pedro. Quem quiser conferir, o peção ta lá mesmo. Esta área de grande potencial de escalada, atualmente, conta com mais de 33 vias de escalada esportiva e outras tantas em móvel. Algumas das vias esportivas são: *Entre o medo e a loucura* - grau ainda não proposto - Luiz Gustavo, Cleverson "Neném" *Helow* - 6ºsup - Alexandro, Carlão *Good bye* - 6ºsup - Alexandro, Carlão *Macaco não tem culpa* - 7A - Alexandro, Carlão *Via da mãe* - 7a - Alexandro, Carlão *Homens de Pedra* - 7b - Aloysio Carvalho *Leão de Judah* - 7b - Peixe, Tiago Brandão *Entre o sol e a sombra* - 7A - Maguinho, Carlão, Peixe *Sacafraga* - 6ºsup - Peixe, Alexandro

Tudo nosso - 7b - Peixe, Lauro Honório
Ce ki sabe - 7a - Alexandro, Carlão
Sai clípedo - 7c - Peixe, Jean Fluber
Brenfa móvel (inacabada) - 7b - Peixe, Carlão, Alexandro
Café da manhã - 7a - Peixe, Renata Pub
Parceragem - 7a - Peixe, Carão
Lenços umedecidos - 8b - Peixe, Renata Pub, Mauro Mota, Ana Luiza
Scooby doo - 5º - Edirley, Pedro Coelho
Frango com farofa - 6º - Pedro Coelho, Edirley
Rastro de São Pedro - 9c - Alexandre Fei
Confusão Mental - 8c - Alexandre Fei
Duelo de Titãs - 9b/c - Alexandre Fei
A dor e o poder - 8c - Frederico Viana e Moleza

Como chegar ao Rastro de São Pedro:
Ao chegar em Arcos, seguindo sentido Bambuí (não entrar na cidade), depois do segundo semáforo, passar a rotatória, e entrar a esquerda logo após viaduto da Ferrovia Centro Atlântida. Dai pra frente é estrada de terra, serão cerca de 7 km até o Rastro. Siga direto. Na primeira bifurcação, entrar a direita, depois siga sempre à esquerda, sentido as pedras. Caso surjam dúvidas, há fazendas pelo caminho. O Rastro é bem conhecido na comunidade local. O carro para há 15m das vias e a 100 metros de um riacho.

Onde dormir em Arcos:
Há algumas opções de hotéis na cidade. Segue abaixo algumas opções:

HOTEL REAL PALACE
Rua Jarbas Ferreira Pires, 501 - Centro

Telefone: (37) 3351.1654

ANAMARIAAPARTHOTEL
Rua Jarbas Ferreira Pires, 450 - Centro
E-mail- analac@zipmail.com.br
Telefone: (37) 3351.3196

HOTEL SAN GERMAN
Rodovia Br 354, 886
Próximo à PUC
Telefone: (37) 3351.1318

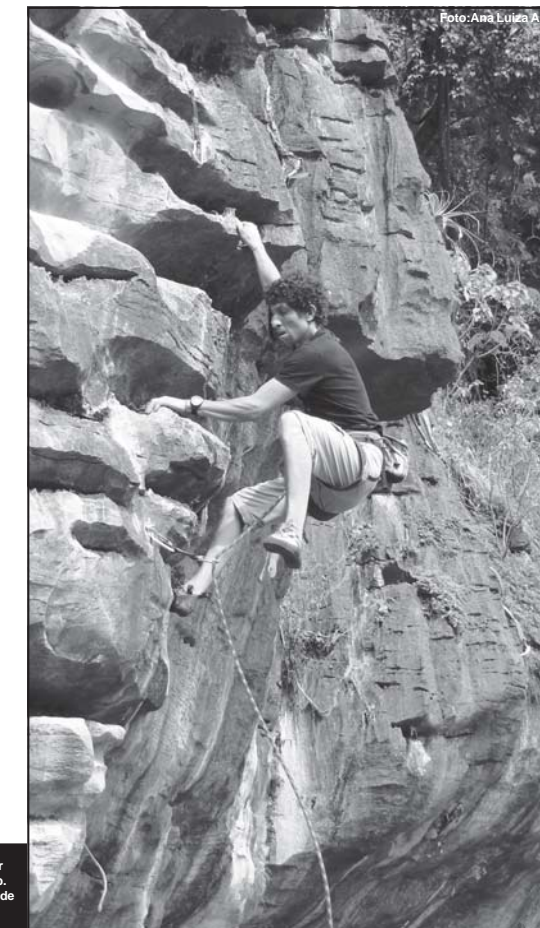
MAXHOTEL
Rua Capitão José Apolinário, 645
Bairro Brasília - Próximo à PUC
Telefone: (37) 3351.3379

NOVO HOTEL
Avenida Governador Valadares, 409 - Centro
Telefone: (37) 3351.1468

PENSÃO BRASIL
Rua Capitão José Apolinário, 381
Bairro São José
Telefone: (37) 3351.1115

SOLAR DOSARCOS
Avenida Governador Valadares, 171, Loja 08
Centro
Telefone: (37) 3351.1460

Para galera que curti o camping, é possível acampar no Rastro de São Pedro. Há um riacho para banho, mas não há banheiro ou luz.



► Eustáquio "Peixe" Júnior escalando Good Bye - 6sup.
▼ Panorâmica das paredes de Arcos

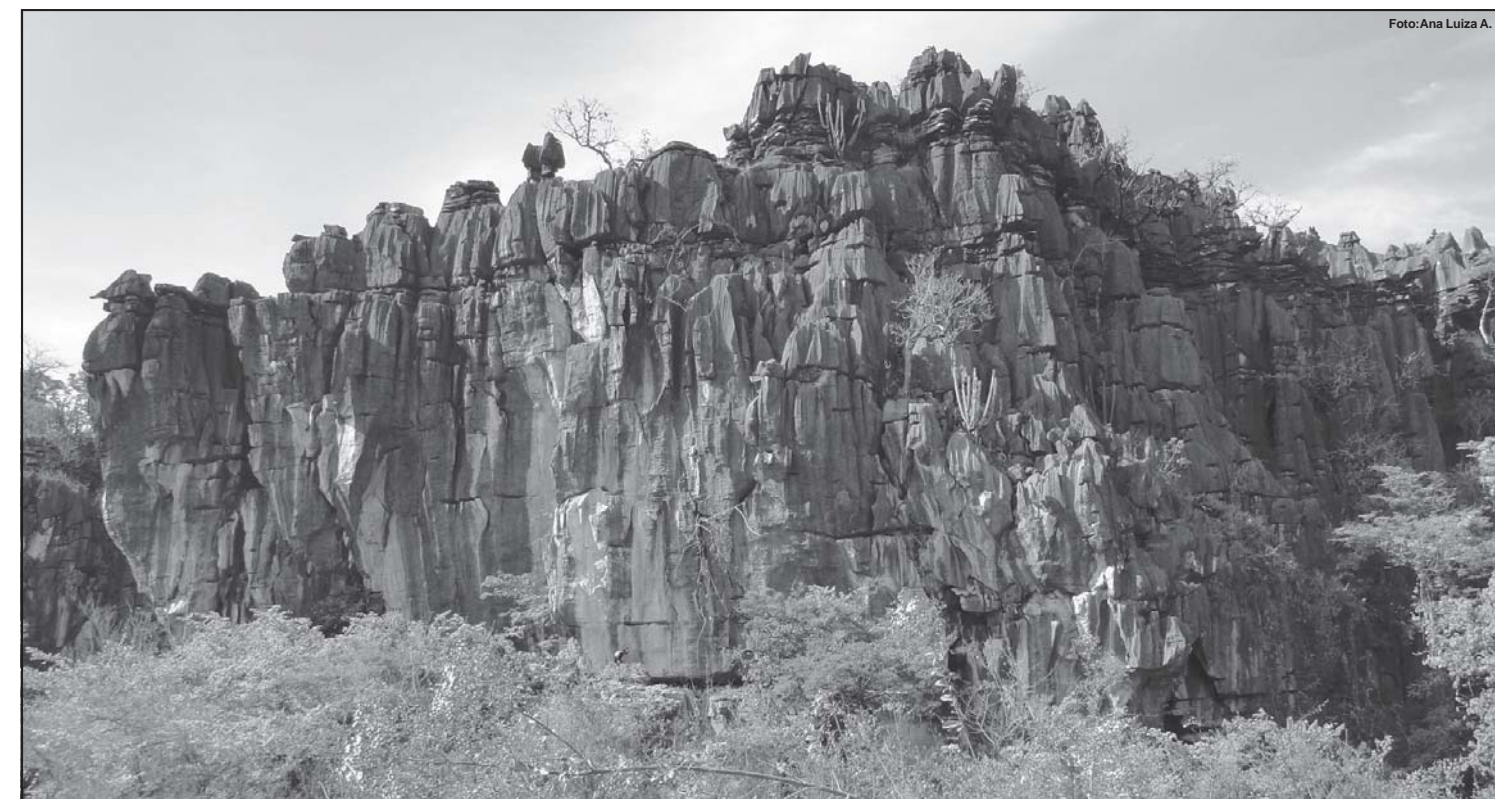
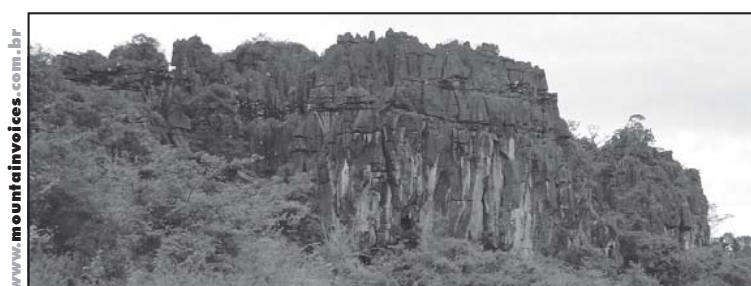


Foto: Ana Luiza A.



Curicuriari na imensidão da Amazônia

Texto e fotos: Edson Struminski, PR

Esta é a segunda vez que eu passo uma temporada na Amazônia e, em certo sentido, foi a mais densa, pois na vez anterior, na Serra de Carajás, meus objetivos montanhísticos eram mais secundários e remotos, por isto eu havia me limitado mais ao meu trabalho, na época, que foram levantamentos sobre as sobras de florestas devastadas da região, aquelas que ainda não tinham sido transformadas em pastagens.

Cheguei a subir algumas montanhas e cumes rochosos, mas sem maiores pressões.

Mas desta vez eu estava em um pedaço da Amazônia que corresponde a tudo aquilo e mais um pouco, do que a gente vê na internet, revistas e TVs, sobre esta região: uma imensa floresta, imensos rios, imensas distâncias planas, um mundo natural e selvagem que faz os ecologistas dos gabinetes de Brasília, São Paulo e Nova York se ouírem só de falar. A tal "mística Amazônia".

E ao final de toda esta imensidão que pode consumir um ou até dois dias de barco, aparecem as montanhas que eu iria subir.

Este pedaço da Amazônia é pouquíssimo povoado, mas não é um mundo desabitado. Eu havia sido convidado pela Secretaria de Meio Ambiente e Turismo de São Gabriel da Cachoeira, município que faz divisa com a Colômbia e com a Venezuela e que, com 40 mil habitantes,

tem uma área territorial maior que Pernambuco, para ver a viabilidade de desenvolver um projeto de turismo indígena com uma das pequenas comunidades da região. Isto incluía entender um pouco das expectativas das pessoas da comunidade que havia pedido o projeto, além de aspectos ambientais que permitissem a subida de algumas dos cumes das montanhas Bá Asebo, na região do rio Curicuriari (Alto rio Negro). As trilhas da base destas montanhas são usadas pelo pessoal da comunidade para caça e a subida das montanhas é algo que ocasionalmente atrai algum visitante, mas a abertura de trilhas por ali poderia causar um impacto ambiental irreversível que a comunidade não teria como remediar depois. As montanhas por ali não são altas, 1000, 1100 de altitude, mas o desnível é de praticamente esta medida, pois a Amazônia inteira se arrasta por uma quente e avassaladora planície, não

muito mais alta que o nível do mar, até esta região, onde aparecem as montanhas. E era isto, então, o que a gente teria de atravessar, um dia de caminhada na tal quente e avassaladora planície até encostar nas montanhas e ver, afinal, o que teria de interessante por lá. São Gabriel é como uma cidade do Brasil dos anos 80 do século passado. Asfalto precário, telefone precário, energia precária (se o rio baixa muito a termoeletrica para por falta de combustível), água ruim, lixo, etc, etc, tudo temperado com um clima calorento. Só mesmo curtindo uns belos banhos e a bela areia branca do rio Negro, onde não está poluído por esgoto, claro.

A cidade, fora a grande maioria indígena, é um posto militar importante. Mas apesar da importância estratégica, os investimentos pareciam estar muito aquém do necessário, principalmente neste momento de frenesi com copa do mundo, olimpíadas e outras coisas mais. Com tio Hugo Chavez em cima e as Farc do lado, realmente é compreensível que os militares fiquem ouíçados na região. Na verdade as forças armadas são as únicas instituições governamentais completas na região, com moradias, hospital e atendimento médico, lazer, transportes diversos e logística própria. Formam pequenas cidades dentro da cidade, o que não deixa de ser uma fonte de atritos. De qualquer modo a cidade se beneficia da presença deles.

Seja como for é esta cidade precária. A impressão que se tem é que enquanto se tenta construir uma civilização em meio à natureza selvagem, ela parece já estar em ruínas antes mesmo que esta tarefa acabe.

Mas é esta cidade que acaba servindo de base para qualquer saída para as montanhas, seja o pico da Neblina, hoje interditado pelo ICMBIO por conta da degradação das trilhas, sejam as montanhas Bá Asebo, chamadas também de Bela Adormecida pela inevitável comparação com o perfil de uma mulher deitada. E é o perfil destas montanhas e o belíssimo rio Negro que formam a paisagem desta viagem.

Índio quer Ipod
Eu não sou um antropólogo ou etnólogo abastecido com teorias refinadas, então eu tive que usar minha sensibilidade de pai de dois filhos, de ambientalista, de montanhista, de mateiro das montanhas da Serra do Mar paranaense, de quem já lidou com diversas comunidades rurais, mais do que de engenheiro, para entender a expectativa que a pequena comunidade indígena São Jorge, proprietária das terras das montanhas Bá Asebo tinha com a minha presença ali. Na verdade uma expectativa reprimida desde a vinda de uma doutoranda da USP que fomentou a ideia do ecoturismo em várias comunidades do rio Negro, inclusive nesta.

Então vejamos quantas novidades sobre a Amazônia apareceram no parágrafo anterior: uma comunidade indígena (e não tribo), com um nome de um santo cristão, proprietária de terras na Amazônia, com uma raridade nesta imensa região, que são montanhas e com a "cabeça feita" para o ecoturismo. Por outro lado, o tal ecoturismo para eles só iria fazer sentido se ajudasse a preservar valores importantes da comunidade.

Isto foi comprovado por uma longa assembleia que assisti, onde Adão, um novo líder comunitário foi eleito com a finalidade de acompanhar a mim e a tres companheiros de viagem (militares de folga naqueles dias), com o objetivo de tentar subir um ou dois cumes das montanhas e ver a viabilidade de uso turístico deste roteiro. Por trás desta escolha estavam concepções diferentes da condução da vida na comunidade: uma mais passiva, esperando o assistencialismo, mas recebendo também os subprodutos da civilização branca, outra mais ativa, que entendia que as mudanças, tecnológicas ou culturais, estavam vindo, mas que é preciso ser seletivo para buscar o que pode nossa civilização oferecer de bom e, ao mesmo tempo, tomando iniciativas para manter a comunidade.

Este novo líder, mais do um mero guia para chegar na montanha, representava melhor as novas expectativas comunitárias e não vou negar, conviver com ele e com o seu mundo, foi o melhor desta viagem.



Praia do rio Curicuriari

Subindo montanhas amazônicas
Como tudo o que se preze por ali, a nossa ida às montanhas começou com mais uma hora de rio, desta vez subindo de canoa as águas cor de coca cola do Curicuriari até a foz de um afluente, o Arabo, que nos presenteia com uma pequena cachoeira que será motivo de grande alegria na volta.

Mergulhamos então na floresta, horas a fio cruzando igarapés, passando por árvores enormes, sem horizontes, sem vento, sem paisagem. Ao final de algumas horas calorentas chegamos ao campo-base, ao lado do mesmo rio Arabo do início, já com água cristalina. Apesar do calor do dia, é a primeira vez que sinto um agradável fresquinho, à noite, desde que vim para esta região que fica a uns míseros trinta quilômetros da linha do Equador. Isto já era um sinal do microclima das montanhas que já se fazia presente.

De fato, no dia seguinte é só subida. A vegetação muda, nuvens, chuva rápida e fria, vento, matacões de rocha. Na paisagem, uma imensa floresta até a onde a vista alcança, apenas interrompida pelo rio Negro e alguns de seus afluentes maiores. Uma paisagem primitiva, que deve ser muito parecida com aquela que os portugueses encontraram quando chegaram no sudeste e sul do Brasil. Aqui não há uma grande cidade, uma São Paulo, um Rio de Janeiro, uma Curitiba, preenchendo o horizonte, apenas a imensa planície que eu tinha visto de barco. As montanhas são íngremes, algumas faces exibem grandes paredões que são, no mínimo, uma instigação à imaginação dos

escaladores. A caminhada é cansativa, em alguns trechos temos que abrir caminho, mas fazemos dois cumes muito bonitos e meus parceiros estão exultantes, pois é a maior aventura que eles fazem desde que estão morando por aqui. Dos dois cumes apenas um pode ser usado para turismo, o outro tem uma vegetação e um solo tão frágeis que tudo despencaria caso passasse a ser usado com alguma regularidade. Esta foi a avaliação que passei para o Adão, junto com um croqui simples e legível deste roteiro, algo que ele almeja já há muitos anos, desde que os primeiros turistas foram autorizados a vir para cá, pois representa a materialização do esforço deles em encontrar um trajeto viável para a subida destas montanhas, um "produto cultural", como dizem os antropólogos e que ninguém até então, fosse militar, pesquisador ou visitante, teve a boa vontade de passar para eles.

Dia de Asterix

Bem, em uma cidadezinha como São Gabriel as notícias correm e, coincidência ou não, na volta dos cumes encontramos alguns militares de um batalhão de selva vestidos à caráter, que tinham sido mandados por um general para subir um dos cumes da região. Eles estavam com um outro guia da comunidade, mas no caminho, por assim dizer, errado, pois o cume que eles almejavam era outro..., mas são estes soldados, a maioria indígenas mesmo, com um ou outro branquelo de chefe, que acabam policiando esta região na caça dos traficantes e guerrilheiros colombianos, que persistem na incômoda ati-



O gigantismo da floresta

dade de transformar pedaços da selva em pista de pouso dos seus aviõeszinhos cheios de drogas.

Mas este é um mundo em que apenas os índios vivem e entendem em plenitude. Mas longe da ideia romântica de índios deitados na rede esperando as frutas caírem no colo deles, o que eu vi foi um trabalho árduo para conseguir comida. Mais que isto, a floresta é, por assim dizer, como o supermercado ou shopping é para você que está lendo esta matéria. Aqui eles encontram de tudo: material de construção e de decoração, alimentos, bebida, remédios, roupa, adereços para as meninas, brinquedos para os meninos, diversão, lazer, aventura.

O que você faz se quer preparar um belo cozido, ou um peixe para sua turma? Vai no açougue ou na peixaria do super e encomenda. O açougueiro ou peixeiro limpa o bicho para você, pesa, embrulha e é só passar no caixa. Na floresta tem a vantagem de não ter de passar no caixa. Mas você tem que pescar ou caçar, destrichar, limpar e embrulhar o bicho.

Nestas horas Adão é como um Asterix na floresta. Farejou um bando de javalis (queixadas) antes que a gente percebesse, tocou um dos bichos e atirou a queima roupa (um barulho ensurdecedor na floresta), o que gerou um frenesi e o instinto de predador nos demais participantes da expe. Nestas horas o melhor que eu consegui fazer foi tentar não parecer um javali, ficando bem visível para não levar um tiro. Enquanto o pessoal gastava tiros à toa, Adão já tinha sumido para partir para a segunda fase, que era destrichar o bicho e depois limpá-lo. Eu participei modestamente da fase de embrulho, já que não sabia fazer coisa melhor mesmo. Adão e José, seu parceiro de caçada, encheram seus jamashis (cesto-mochila que é carregada com uma tira na testa) e voltaram justificadamente orgulhosos para a aldeia. Uma caçada é uma atividade que exige muita habilidade, mas muito perigosa. Há ainda a questão sutil de que as pessoas acabam dependendo da caça para melhorar sua dieta da mandioca, ou seja não é um tipo de esporte para eles. No supermercado é bem mais prático, claro, mas quantas coisas emocionantes você se lembra das suas idas ao supermercado? Com 10 anos de idade um menino e uma menina já são homens e mulheres por aqui. Já sabem fazer tudo o que um adulto sabe para sobreviverem sozinhos se precisarem. Pescam, caçam, conduzem a canoa, plantam mandioca, preparam tapioca. Não necessitam da super proteção que damos aos nossos filhos na cidade. Não estão sujeitos ao mesmo tipo de perigo ou maldade que estamos acostumados a ver no meio urbano. Com isto, mesmo em pessoas adultas, é possível sentir uma notável inocência e ingenuidade.

Mas é claro, eles estão muito próximos da cidade e ela chega até eles de um modo ou de outro. Esta comunidade em particular está buscando o equilíbrio entre os dois mundos, fazendo tentativas de entender o mundo dos brancos, aproveitar algo dele, ao mesmo tempo que tentam manter a parte boa do seu mundo. São pessoas como nós, apenas um pouco diferentes. Acabamos nossa aventura nas montanhas com um belo banho de cachoeira. O queixada que foi caçado é servido à noite para toda a comunidade. Volto ali depois de alguns dias para apresentar minha proposta a eles, debater e desejar boa sorte a estes nossos vizinhos deste fascinante pedaço do Brasil.

14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

www.penatrilha.com.br



Rua Apeninos 803 São Paulo SP
11 3562 1801





Parque Estadual da Serra do Mar parte I

Texto e fotos: **Alberto Ortenblad, SP**

De tantos parques brasileiros, o da Serra do Mar é talvez aquele onde a natureza sofreu as maiores agressões, pelo corte da mata nativa, a exploração clandestina da flora, a caça predatória e a ocupação das encostas. A impressionante muralha verdejante da serra, a densa floresta do planalto, as cachoeiras vertiginosas e os cumes montanhosos emergindo acima do verde são suas maiores atrações. Um surpreendente Parque Estadual, debruçado por quase todo o litoral paulista, procura agora proteger o que nos restou da Mata Atlântica.

Origem e Formato

O Parque Estadual da Serra do Mar foi criado em 1977, para preservar os remanescentes da Mata Atlântica. No passado, ela cobria um oitavo do nosso território, mas está hoje reduzida a menos de um décimo do que era. O Parque constitui a maior área contínua de Mata Atlântica do Brasil.

Possui inacreditáveis 315 mil ha, a serem expandidos para 330 mil, com a incorporação de áreas públicas. Isto corresponde a quase metade do total dos parques de São Paulo. Apenas entre São Sebastião e Caraguatuba ele é moderadamente largo; nos outros mais de 20 municípios que o integram, é bem estreito. Estende-se por quase 300 km, desde Peruibe (no limite com a Juréia) até Ubatuba (na divisa com o Rio), com uma largura média pouco acima de 10 km.

Este formato significa que o Parque não tem uma unidade em termos de administração ou de travessia. Para facilitar sua gestão, ele é fatiado em núcleos ao longo do seu comprimento, como veremos a seguir. E suas trilhas maiores não são longitudinais. e sim transversais, ou seja, têm um rumo vagamente norte ou sul, se afastando ou aproximando do litoral, conforme subam as montanhas ou busquem as praias.

Os Núcleos do Parque

Ao longo de seu comprimento, o Parque é dividido em oito núcleos, resumidos a seguir, de sul a norte. Ao invés de procurar cada um na internet, sugiro que você acesse a Fundação Florestal (*www.florestal.sp.gov.br*), que os administra e os reúne todos no seu site.

Ao longo de muitos anos até hoje, mesmo antes

de saber sobre o Parque, fiz quase 30 visitas às suas trilhas, praias, cachoeiras e montanhas. Apesar disto, não me considero conhecedor de sua natureza. Existem no Parque nada menos do que 40 trilhas identificadas, muitas das quais interditadas. A maior parte delas é curta, de forma que minha descrição abaixo procurará abordar apenas as de maior importância. Este é um texto longo, sugiro que você leia apenas sobre os núcleos de seu interesse imediato.

Neste primeiro artigo, abordarei os cinco núcleos não litorâneos, ou seja, apenas os do sul do planalto.

Os Núcleos do Sul

Itariru – Fica em Pedro de Toledo, um povoado no extremo sul do Estado, no Vale da Ribeira. É o mais recente dos núcleos do PESM e sua Sede está no bairro do Caracol, bem próxima da cidade. Este é no momento o menos interes-

sante dos núcleos do Parque e, certamente, o menos visitado, até mesmo por não ter ainda estrutura implantada. Nos demais núcleos, existem alojamentos para pesquisadores e às vezes para visitantes. Assim como em todo PESM, não é cobrada entrada – embora é provável que esta prática venha a ser alterada.

Assim como nos outros núcleos, suas planícies, encostas, vales e montanhas funcionam como refúgios para espécies raras ou ameaçadas, bacias para abastecimento de água, abrigos para comunidades tradicionais e ambientes para atividades de educação ambiental – e, naturalmente, locais privilegiados para o nosso ecoturismo.

Este núcleo é assim apresentado: *Localizado no Vale da Ribeira, a região mais conservada de Mata Atlântica no Estado, protege as únicas manchas de florestas de várzea de todo o Parque. Na região, sobrevivem os índios guaranis e outras comunidades que ainda pre-*

servam os costumes tradicionais. Nela, bromélias e orquídeas à sombra de jatobás, ipês e palmeiras compõem um cenário de rara beleza da floresta atlântica, com rios e cachoeiras.

A única trilha indicada é curta e chega a uma usina hidrelétrica de meio século atrás, construída por suíços – mas está no momento interditada. Existem várias cachoeiras no núcleo, nenhuma das quais aberta à visitação – elas ficam ao longo dos 10 km do Rio São Lourencinho, que passa pelas bem-conservadas florestas de várzea. Na zona rural na área de influência do Parque existem pequenos sítios e pesqueiros.

Sua vegetação é descrita como bem interessante. Porém, passei recentemente pela região, vindo de Curitiba, e encontrei encostas com mata secundária um tanto enfraquecida. A floresta primária, se existir, estará confinada aos topos dos morros. Confesso que não visitei este nú-

cleo, em parte devido ao mau atendimento – em contraste com todos os demais, onde sempre fui bem recebido.

Como é infelizmente comum nos outros núcleos, também neste ocorreram problemas fundiários. Apesar de o PESM ter sido criado a mais de trinta anos, continuam havendo áreas de ocupação privada, seja de proprietários ou de posseiros. Em muitos casos foram expulsos, em alguns foram indenizados e em outros continuam ainda alojados no Parque. Existem até hoje processos de desapropriação em andamento.

Curucutu – Não é fácil chegar até aqui, devido às más condições da Estrada da Ponte Alta, na qual você deve rodar em terra por 17 km - na última metade, sua velocidade não passará de 15 km/h. Esta estrada parte de Engo. Marsilac, aonde você chegará depois de passar por Interlagos e Parelheiros, bairros ao sul da cidade.

É (aparentemente) o menor e um dos mais antigos núcleos do Parque. A Fazenda Curucutu foi desapropriada 20 anos antes da criação do Parque, para formar uma Reserva Natural. Curucutu é o nome de uma coruja muito bonita e de grande porte, conhecida dos índios da região. Antes do núcleo, ela deu nome ao rio que corre próximo ao Cubatão de Cima.

Infelizmente, foi parcialmente reflorestado com pinheiros, numa prática também encontrada no núcleo Caraguá. Está adjacente à APA Capivari-Monos (são nomes de dois rios), onde até hoje existem três aldeias guaranis. A região contém as nascentes do Rio Embu Guaçu, utilizado para o abastecimento da capital. Aliás, esta situação se repete nos outros núcleos, devido à presença de importantes bacias, em particular no planalto.

Esta área na borda do planalto apresenta campos naturais, além de florestas densas. Os campos são chamados de nebulares, dada a influência frequente da neblina que sobe pela serra. Isto lhes confere uma fauna e flora peculiares, com presença de gramíneas, bromélias, arbustos, aves de rapina, roedores e répteis. Da mesma forma que este, o núcleo Itutinga-Pilões costuma ser invadido pela névoa. Cunha e Santa Virgínia são também suscetíveis à neblina, porém em menor intensidade.

Os campos têm uma aridez áspera que lembra curiosamente o Espinhaço. Apesar disso, têm sido documentados animais de porte, embora em pequenas quantidades, como antas, lobos guarás e até onças pardas, num feliz resultado da regeneração da natureza antes tão agredida. Você imaginaria que uma onça parda poderia mirá-lo no silêncio da mata assim tão perto da cidade?

Infelizmente, a vegetação à volta da Sede é secundária e não há no momento trilhas importantes. Das ativas, a maior delas tem apenas 2 km - é a Trilha do Mirante, que permite num dia claro avistar a costa. O antigo caminho de Conceição de Itanhaem, com os 16 km que desce até o litoral, não se encontra mais aberto, mas deve ser futuramente reativado: ela chega ao portal do Parque em Itanhaem, após descer as escarpas da serra.

Uma das trilhas antigas é a do Rio Branquinho, que parte da estação férrea Engo. Ferraz e percorre o vale do Capivari. Encontra lá em baixo uma aldeia guarani. Este é um caminho perigoso, por causa da persistente neblina, do chão escorregadio e da grande extensão - da ordem de 20 km, incluindo passagem pelo leito ferroviário. Não é incomum que andarilhos se percam dentro da mata densa. A saída da trilha lá em baixo é também por Itanhaem. Que eu saiba, não é incluído na atual documentação do Parque.

Itutinga-Pilões – O centro de visitantes parte de estradinhas de serviços da Anchieta (km 49) ou da Imigrantes (km 56). É a maior área do Parque e também a de história mais antiga e de ocupação mais complexa, por ser o trecho correspondente à capital. Quando o visitei, nada menos



Trilha do Corcovado, núcleo Santa Virgínia

do que 6 mil moradores estavam sendo removidos, deixando para trás suas pobreza e seus cachorros, que nos olhavam com ares espreançosos, à procura de novos donos.

A Sede ocupa a antiga vila de Itutinga, da qual remanescem alguns vestígios. A maior trilha atualmente ativa é a da Usina, que segue em 9 km de ida pelos antigos trilhos de uma usina de papel, que foi uma das primeiras indústrias de Cubatão. O caminho termina nas ruínas da usina e da barragem que gerava sua energia. Encontra-se temporariamente fechada. As demais trilhas da Sede acompanham os rios da região, em especial a do Passariuva, que bordej a este afluente do Rio Pilões.

É neste núcleo que existem grandes e antigos caminhos do planalto até o litoral, partindo da vila de Paranapiacaba. Os dois principais são os do Vale do Mogi e do Quilombo, com cerca de 15 km cada, que descem até Cubatão pelas calhas destes rios. É impressionante a diferença entre a vegetação empobrecida e contaminada nas encostas voltadas para Cubatão e a mata exuberante nas serras, protegidas da antiga poluição da cidade. Infelizmente, estes dois caminhos não estão também sendo oferecidos pelo Parque.

Há ainda pelo menos duas trilhas notáveis no percurso Mogi-Bertioga, nenhuma das quais referida nos mapas do núcleo. Falar da primeira destas travessias é algo especial para mim. Tantos anos atrás, voando de Salvador, fiquei retido em Brasília, onde a espera me fez ler um jornal do Rio. Havia nele um relato que me pareceu fantástico, descrevendo um aqueduto, uma

vila esquecida no pé da serra, um trajeto de bonde ao litoral e uma passagem de barco até a rodovia. Foi esta reportagem que me estimulou a fazer minha primeira trilha!

Est é o percurso que parte do Parque das Neblinas, uma Reserva Natural Privada acessível via Taiacupeba, povoado próximo a Mogi. Ela acompanha o manso vale do Itatinga, até chegar a uma surpreendente represa no alto da serra, com uma vista incrivelmente ampla para o litoral. A partir daí, percorre um belo e antigo aqueduto, em arcos de alvenaria, antes de se precipitar por um caminho caído até a planície do Rio Itapanhaú. Este é um percurso relativamente fácil, com menos de 10 km, porém atualmente vedado pela CODESP.

O segundo caminho da Mogi-Bertioga é bem mais selvagem, começando no km 81 da rodovia de mesmo nome e seguindo inicialmente o Rio das Pedras. A picada prossegue sempre mata adentro, acompanhando o vale do Itapanhaú. Trilha acima está a formidável Cachoeira do Elefante, com a água caudalosa vertendo-se por uma muralha de pedra, aliás visível da Baixada. São ao todo 15 km, que podem demandar mais de 6 h, devido ao percurso irregular, sujeito a perigosos e desorientadores desabamentos.

O Caminho do Mar é um trajeto diferente, pois desce pela primeira estrada em concreto do Brasil. A ligação planalto-litoral era feita pela Calçada do Lorena, um estreito caminho caído em pedras, que ao longo do tempo se mostrou insuficiente. Durante o Império, foi substituído pela Estrada da Maioridade (o nome veio da emancipação de D. Pedro II), em cujo leito foi depois im-

plantado o Caminho do Mar. São 8 km a pé até Cubatão, passando por várias construções históricas e mirantes para a Baixada Santista. Restantes deslizamentos interditaram este caminho. Por fim, uma reflexão: até refazer tantos desses caminhos antigos, não havia percebido como é cruel a localização da cidade de São Paulo. Ela apresenta dois graves problemas: a verticalidade da parede serrana e a intensa formação de neblina. Em nenhuma das tantas outras rodovias que se precipitam pela Serra do Mar, desde Santa Catarina até o Rio de Janeiro, é tão ameaçadora essa verticalidade enevoada da Anchieta ou da Imigrantes.

Os Núcleos do Vale

Santa Virgínia – Existem duas bases, acessíveis a partir dos km 66 e 78 da Rodovia Osvaldo Cruz (Taubaté-Ubatuba), respectivamente em Natividade da Serra e São Luis do Paraitinga. A primeira é mais antiga, resultado da expulsão sumária de posseiros e a segunda foi criada junto com o Parque, pela compra da Fazenda Santa Virgínia.

Este núcleo tem uma instalação relativamente recente, contando com seis trilhas. Assim como em outros núcleos, possui alojamentos muito bons. Note que cerca de 1/3 dele é ocupado por áreas privadas – logo depois de sua Sede, existe inclusive uma pousada particular, do outro lado do Rio Paraibuna.

A região é caracterizada pela exuberância da flora e riqueza da fauna, assim como pela diversidade de paisagens e atrativos. A existência de antigos caminhos, com evidências de calçamento no interior do Parque, demonstra a importância da travessia da serra pelas tropas de burros, como parte da rota comercial entre os portos de Ubatuba e Parati e o Vale do Paraíba. A maior das trilhas alcança o Pico do Corcovado (1.168m), uma das mais belas montanhas da Serra do Mar. São 8½ km de ida, atravessando densas florestas, que margeiam a bacia do Paraibuna. Em sua maior parte plana, só no quarto final a trilha realmente sobe, com água até ½ h do cume. Como ela parte da cota 750 e não do mar, sua ascensão é bem menor do que a do caminho ao Corcovado que começa no Núcleo Picinguaba (ver próximo artigo) – porém no trecho final, o acive de 20% é cruel.

A chegada à montanha, entretanto, é feita por uma suave rampa que percorre toda a sua crista. É estranho como isso num certo sentido dilui o impacto da chegada – na outra trilha da praia, existe uma terrível subida final que valoriza a conquista. Estas duas trilhas, curiosamente, só se encontram exatamente no cume. Mas as cansativas 4 h de caminhada de ida serão recompensadas pelo lindo panorama do alto.

As demais cinco trilhas têm todas relação com o Rio Paraibuna, formador do Paraíba do Sul. Evite a Trilha do Ipiranga, que se resume a uma longa estrada, e visite os caminhos circulares da Pirapitinga e do Garcês, que contêm belas cachoeiras e piscinas convidativas, abraçadas por uma floresta que aos poucos se regenera do extrativismo anterior ao Parque. Boa parte do caminho de 6½ km de ida à Cachoeira da Boneca coincide com a trilha inicial do Corcovado – esse percurso pode a meu ver ser evitado, a menos que você disponha de bastante tempo.

É a partir das águas do Paraibuna que se forma a represa que leva o seu nome, situada no núcleo Caraguá. O Paraibuna nasce em Cunha e atravessa os núcleos de Cunha e Santa Virgínia, com extensão de 180 km. Seu nome significa *grande rio de águas escuras*: já perto de suas nascentes, era um rio caudaloso, de que não se podia enxergar o fundo, daí o seu nome. Por surgir nos altos da Bocaina, o Paraitinga tinha águas límpidas, por isso foi chamado de *grande rio de águas claras*. Ele é maior, com 200 km, e a rigor é o nome que o Paraíba do Sul tem até a confluência do Paraibuna. É por esta razão que Paraitinga e Paraibuna são considerados os formadores do Paraíba do Sul.

Você pode fazer *rafting* em dois trechos das águas protegidas do Paraibuna. O mais curto, com 8½ km, parte da base de Paraitinga e tem nível III, atravessando cinco cachoeiras e corredeiras, com passagens estreitas e necessidades de manobras (os níveis dos rios vão de I a VI, embora este último seja raro). O segundo sai da base de Natividade da Serra, é mais longo e mais fácil, com 10 km e nível II, contando ao longo de seu percurso com duas pequenas cachoeiras. Naturalmente, estas atividades são terceirizadas pelo Parque.

Cunha – Quando você deixar o Vale do Paraíba no sentido de Cunha, notará já de início como é diferente o aspecto da serra, com seu solo árido e sua rápida ascensão. De fato, a região de Cunha é bem distinta da Paraitinga vizinha, com maiores altitudes e clima frio - sua vegetação e relevo chegam a lembrar a Mantiqueira. O núcleo dista 30 km de Cunha no sentido de Parati. Você deverá deixar a rodovia no km 56 e rodar por 20 km em estrada de terra sofrível. Seus últimos 5 km seguem a bucólica calha do Paraibuna, ainda aqui um rio jovem. A região abrigou no passado uma fazenda de italianos, para extração de madeira e produção de carvão. Veja no Centro de Visitantes os blocos de cimento com as marcas da fauna - depois, nas trilhas, você encontrará vestígios dela, no canto dos acuás e arapongas, no vôo dos macucos, nas pegadas das antas, cotias e suçuaranas e até no avistamento dos catetos e queixadas. São feitas neste núcleo importantes medições hidrológicas, em diversas estruturas próximas à Sede. Quando saia para uma das trilhas, encontrei uma pessoa voltando: era Seu João, que há nada menos que 25 anos caminha 8 km todos os dias de semana para visitar os pontos de coleta. Existe um pequeno caminho auto-guiado, mas as duas trilhas principais bordejam o Rio

Paraibuna e seu afluente Rio Bonito. Ambas são inseridas na mata, embora a primeira tenha seus 4 km iniciais numa cênica estrada às margens do Paraibuna, que você pode percorrer de carro. Por sinal, esta estrada é uma ligação com o núcleo Santa Virgínia. A partir daí, serão mais 3½ km até uma bonita sucessão de quatro quedas do Rio Ipiranguinha, que calculo tenham 40 m em conjunto.

A segunda trilha é circular, com um total de 7 a 8 km. Seu início é bastante íngreme e seu retorno acontece ao longo de uma suave descida. Além da contemplação da floresta nativa, permite vistas da pequena cachoeira do Rio Bonito, numa piscina natural propícia para banhos. O Rio Bonito merece este nome, com suas águas rasas de cor de caramelo. É possível que seja aberta uma nova trilha a partir desta, com acesso a um mirante. Está também em estudos um caminho de 18 km até a vila da Puruba, no litoral de Ubatuba, a ser percorrida em dois dias. Mas o local mais interessante não fica no Parque e sim ao longo da rodovia que desce para Parati. É a Pedra da Macela, aonde você chegará por uma estradinha de 4 km, seguida de uma forte subida a pé de talvez ½ km até as antenas de Furnas lá instaladas. Do alto de seu perfil recortado a 1.700m, você avistará o espetacular panorama das baías de Parati e da Ilha Grande, descansando entre as imensidões do céu e do mar. Existe outra formação, referida como o ponto culminante do PESM: a Pedra do Espelho (1.670m). Localizada entre Cunha e Ubatuba, um de seus acessos parte do bairro da Barra, com uma árdua caminhada de talvez 12 km por

Parque Estadual da Serra do Mar



picada dentro da mata fechada. É conveniente acampar no caminho, pois a subida pode tomar cerca de 6 horas (existe água a ½ hora do cume). Do alto, é possível avistar tanto a Pedra do Frade - ver *Belas Pedras (III)* - como a Pedra da Macela, ambas na Bocaina. Logo abaixo está a vila do Corisco e, mais adiante, a de Parati.

As Cidades do Parque

Faço aqui rápidas menções às principais cidades no entorno desses cinco núcleos do Parque. **Cubatão:** a planície da região era uma ligação natural entre o porto de Santos e a subida da serra. Aqui ocorreram as primeiras doações a colonos portugueses e aqui foi estabelecida a maior das fazendas jesuítas. A ferrovia San-

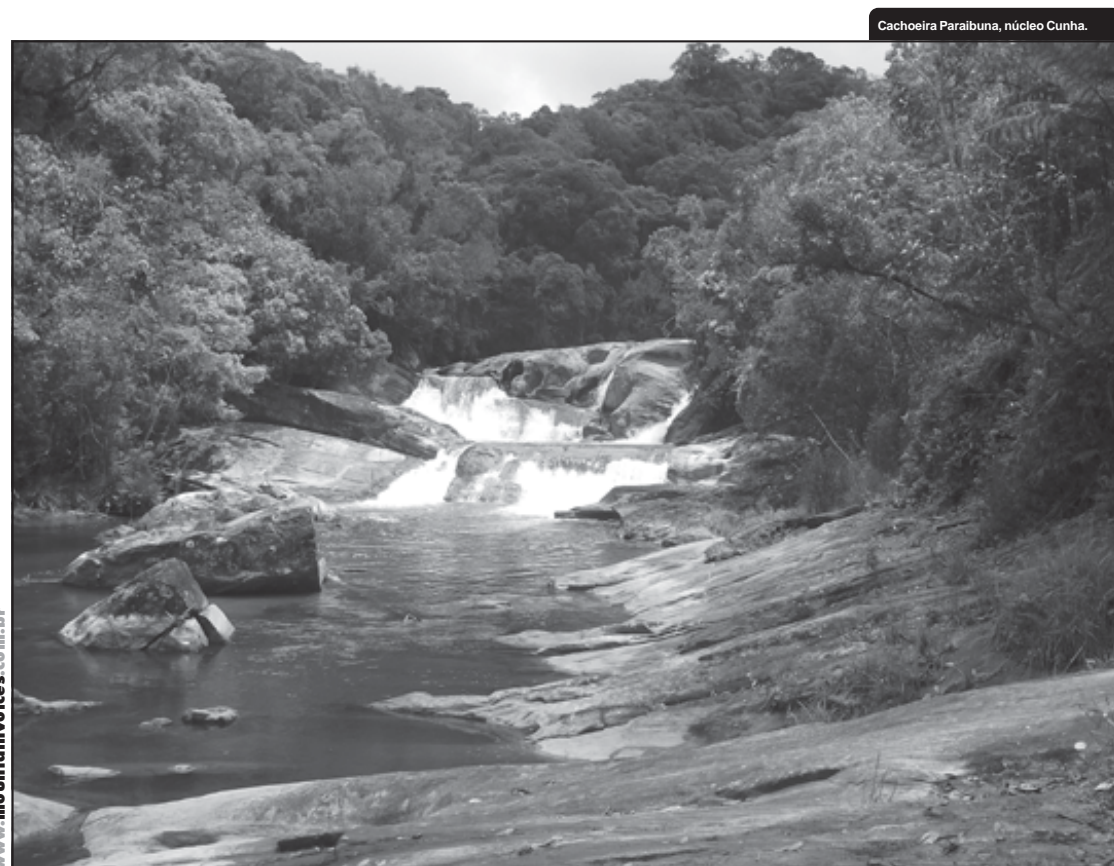
tos-Jundiá levou a cidade ao declínio, revertido a seguir pela danosa industrialização. As tragédias ecológicas no chamado *Vale da Morte* e as lutas políticas por meio século entre as facções nordestina e paulista marcam sua história até muito recentemente. O saneamento ambiental de Cubatão é um raro sucesso brasileiro na luta contra a poluição - agora, felizmente favelas não são mais atomizadas por explosões, moradores não sofrem de cegueira e crianças não mais nascem sem cérebro.

Paranapiacaba: de todas as vilas, esta é a de visual mais impressionante, devido à localização elevada, à arquitetura diferente e à densa neblina, que lhe dão um aspecto sinistro e desolado. Foi construída em fins do século XIX como uma das estações da ferrovia Santos-Jundiá, uma incrível obra de engenharia que rasgou à mão (sem explosivos) a rocha da serra. O sistema funicular original com cabos foi substituído pela atual cremalheira dentada, mais eficiente e segura. O antigo relógio inglês, hoje removido para o alto de uma torre, ainda marca as horas, como nos tempos de Mr. Fox.

São Luís do Paraitinga: destruído pelas recentes enchentes do rio que o atravessa, seu gracioso centro histórico não foi ainda recuperado. Foi iniciada tardiamente no século XVIII, como um ponto de apoio para a exploração do ouro no interior do país, ligado à agricultura de subsistência. É ainda hoje um curioso enclave de cultura caipira entre o vale e o litoral desenvolvidos. A Procissão do Divino (que acompanha desde sempre) é comvente na sua inocência - e seu Carnaval é povoado por monstros ao invés de cabrochas e por marchas ao invés de sambas. Paraitinga continua uma cidade pobre, porém rica pela devoção de seus moradores.

Cunha: assim como Paraitinga, Cunha surgiu no século XVIII como um entreposto para o comércio do ouro com o sertão mineiro e, mais tarde, do café com o Vale do Paraíba, então a mais rica região paulista. Cunha foi por três meses palco de lutas entre as forças do Governo e do Estado, durante o movimento separatista de São Paulo, o que arrasou a cidade. A vila ganhou novo impulso com a vinda de ceramistas em fins do século passado - Cunha se tornou um importante centro de cerâmica *noborigama*, de cozimento a alta temperatura.

Na próxima edição, você conhecerá os três núcleos litorâneos, que são mais variados e talvez mais interessantes.



Cachoeira Paraibuna, núcleo Cunha.

1ª SEMANA BRASILEIRA DE MONTANHISMO RIO DE JANEIRO 2012
Brazilian Mountain Week

MAIOR EVENTO DE MONTANHISMO DA AMÉRICA LATINA.

Urca • 23/4 a 1º/5/2012 • RJ

Acesse www.semanademontanhismo.com.br, saiba tudo sobre este grande evento e veja como apoiar e participar do maior movimento pró-montanhismo brasileiro.

Organização: Realização:

CAMPEONATO DE ESCALADA • CONVIDADOS INTERNACIONAIS • CONGRESSO • EXPOSIÇÃO • CURSOS

▶ **Curso de Escalada**
Conte com a experiência de nossa equipe e aprenda a escalar com tranquilidade e segurança com quem está no ramo há mais de 20 anos!

▶ **Guias de Montanha**
Pedra do baú, Itatiaia, Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais Rio Grande do Sul, Nordeste e centro-oeste

▶ **Expedições**
Escale as paredes mais alucinantes do planeta! Treinamento específico para big walls e escalada tradicional. Expês para Yosemite, África, Espanha e México

▶ **Abrigo**
Pertinho da Pedra do Baú, seu campo base para escalar e caminhar na Mantiqueira

MONTANHISMUS
Escola de Escalada em Rocha

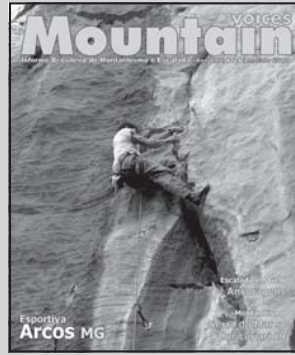
Curso Básico e Avançado Móvel - Big Wall - Conquista
Abrigo de Montanha
(12) 3971.1470
São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br

USAMG O MELHOR:

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

Editores: Eliseu Frechou, Vitor B. Frechou, Artur B. Frechou e Jorge B. Frechou.
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Eustáquio Júnior na via Confusão metal - 8c.
Foto: Ana Luiza A.

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/07/2012.

Nome.....
 Endereço.....
 Cidade..... Estado.....
 CEP..... Telefone.(.....)
 E-mail.....
 Idade Profissão.....
 Como conheceu Mountain Voices?.....
 Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
 Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
 () Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder
 () Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
 () Renovação assinatura - R\$ 20,00
 () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
 () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
 () Livro Com Unhas e Dentes - Sérgio Beck - R\$ 30,00
 () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00
 () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00
 () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00
 () DVD Terra de Gigantes - R\$ 25,00
 () DVD Lobotomia 2 Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
 () DVD Lobotomia 3 do PE ao RS - R\$ 25,00
 () Disco HD Dias de Tempestade - R\$ 25,00
 () DVD Karma - R\$ 25,00
Total00

124

Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores. Compre nas lojas de montanha ou pelo site www.mountainvoices.com.br

LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2
Baú e Região

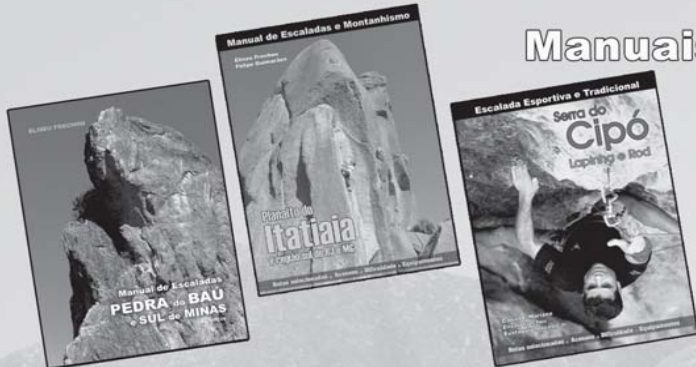


LOBOTOMIA 3
De PE ao RS



DIAS DE TEMPESTADE
mp4 e wmv

Manuais de Escalada e Montanhismo



Pedra do Baú Itatiaia Serra do Cipó

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso

Elevation

A única cargueira do Brasil à altura da sua expedição!



- Excelente Relação Peso/Capacidade
- Zíper Logitudinal. Acesse Qualquer Parte da Mochila
- Armação em Fibra de Carbono
- Toda em Cordura
- O Melhor Preço do Mercado na Categoria Cargueira em Cordura 500

Múltiplas configurações de expansão



Expansão Lateral



Bolsos Laterais



Expansão no Topo

Equinox.com.br

All you need is love.
Sua paixão pela montanha, a nossa paixão pelos produtos

Armour
- Design moderno.
- Regulagem rápida e porta lanterna.
- 6 cores vivas nas versões masculina, feminina e para criança.
- Peso: 340 g

Jasper CR 3
- Para Escalada e Alpinismo. Totalmente regulável. Com sistema único de centralização do cinto e ajuste de pernas.
- Interior confortável em tecido 3D e composição externa em nylon de grande resistência a abrasão.
- Único com Loop central duplo, proporcionando maior eficiência e segurança.
- 4 racks / porta equipo. - Peso: 425 g

Nano 23
- O mosquetão mais leve do mundo, essencial em longas vias de parede.
- De fácil manuseio.
- Peso: 23 g (Nano 23)

Chunky Chalk
- Magnésio em pó de alta qualidade.
- Menos suor, mais aderência.
- Maior rendimento.
- Embalagem zip-lock de 300 g

CAMP

Contact: vertical@vertical.com.br
tel.: 71 3344 1165 - Rio de Janeiro
vertical
vertical

CONQUISTA

Airtech 5000

Chuva/Neve/Vento
Tecido Impermeável/Respirável
Linha de PU
Vapores da Transpiração
Impermeabilidade: 5000mm de coluna d'água
Respirabilidade: 5000 g/m²/dia

Anoraque Respirável fabricado no Brasil!

conquistamontanhismo.com.br